**Gabarito de dez questões da primeira lista de questões de Economia Política Clássica – 2017**

1. *Qual o sentido da crítica em Marx? O que é criticar a economia política, segundo Marx?*

Marx acredita em uma crítica internalista, capaz de mostrar que o sistema de ideias a ser criticado possui contradições quando analisado em seus próprios termos. Criticar a economia política, nesse sentido, consiste em, tomando os conceitos e método do próprio David Ricardo (o melhor economista clássico na avaliação de Marx), elaborar uma crítica internalista. Tal crítica concentra-se no estudo da força e da fraqueza do pensamento econômico aplicado à realidade capitalista. Ao mesmo tempo em que mostra o caráter limitado da economia política, Marx procura aprimorá-la no sentido de dotar a teoria de real poder de interpretação e de explicação do modo de funcionamento da economia burguesa. Tal economia é posicionada como sendo um dentre vários regimes que se desenvolveram ao longo da evolução histórica. Ao cabo, Marx pretende demonstrar cientificamente o desenvolvimento necessário da economia capitalista em direção à catástrofe final.

1. *Qual o “caminho da verdade”, para Demócrito?*

O caminho da verdade passa pelo bom uso dos cinco sentidos humanos. Mas Demócrito argumenta que nem sempre aquilo que tais sentidos nos dizem sobre o mundo é digno de crédito. Nem sempre as sensações e as percepções correspondem exatamente à realidade das coisas como elas realmente são. É preciso, portanto, separar o conhecimento legítimo do conhecimento falso (bastardo). Para tanto, cumpre submeter nossas sensações e percepções naturais das coisas a uma análise rigorosa que possa separar o objetivo do meramente subjetivo. As sensações resultam de um processo de interação entre os fenômenos externos, o nosso aparelho perceptivo e o nosso sistema nervoso. O que vai por trás de nossa experiência mental dos diferentes sons, cores, fatos, gostos e cheiros das coisas tem uma base física. O mundo, como ele é de fato, nada mais é do que átomos que estimulam nossos sentidos.

1. *Comente a passagem do livro A Ilusão da Alma, de Eduardo Giannetti:* *“O que separa Sócrates de Demócrito é a motivação dos seus projetos filosóficos e as visões de mundo que dela decorrem. O projeto socrático é essencialmente ético [...] Já o projeto atomista é essencialmente cognitivo...”*

O projeto de Sócrates centraliza o estudo da ética. Como tal, o filósofo pretende submeter as ações humanas e o curso dos acontecimentos a valores e juízos acerca do que é melhor. Sócrates oferece caminhos para o autoconhecimento do homem, os quais poderiam elevar a condição deste. Além disso, ele procura oferecer uma explicação em termos de causas mentais, na crença de que a pessoa age com base em motivos, crenças, intenções e valores. Já Demócrito não é movido pela vontade de transformar a realidade, mas pelo desejo de conhecê-la. Não se preocupa com a questão do bem e do mal, mas com a ciência. Enfatiza as investigações naturalistas dentro de um projeto de explicar os fenômenos em termos de causas puramente físicas e em termos dos mecanismos que regem o funcionamento do sistema nervoso.

1. *Por que, para Feuerbach, a religião separa a essencialidade e a realidade do homem?*

A essência do homem é o que deveria ser o verdadeiro objeto da reflexão filosófica. Tal essência só pode ser encontrada no ser genérico, no que há de essencial na espécie, no homem em si e tal como se relaciona com seu mundo. Mas a religião abstrai o mundo, refere-se apenas às coisas na sua manifestação, e vê em cada manifestação a figura de Deus. Assim, ao invés do que há de essencial no homem, ela só considera Deus como essência. Nada vê no mundo concreto da realidade humana, pois tal mundo é nulo para a religião. Quanto mais a religião esvazia o mundo concreto, mais a vida humana se volta ao enfoque do homem religioso, vazio de coisas mundanas; mais o religioso refugia-se em si. Assim é que a realidade do homem é negada em prol do mundo mítico da religião. Se o religioso entra no mudo, entra em relações polêmicas com ele, e procura modificar o mundo e os homens, para conquistar o mundo e conduzir até Deus. A negação do mundo, e da realidade do homem, faz com que o próprio homem se perca de sua realidade, assim é que a essencialidade do homem perde-se e só resta o apego a um ser extra e supramundano, o Deus imaginado. O homem se anula e se torna apenas uma imagem e semelhança do ser divino imaginado. Deus, portanto, é a objetivação da consciência humana que se esquece de sua própria realidade. É também a consciência de si falseada, pois tida como divina e objetiva; consciência como essencialidade absoluta, não como consciência da verdadeira essência humana como ser genérico.

1. *Comente a Trindade na teoria do valor: valor de uso, valor de troca e valor.*

O valor de troca, o valor de uso e o valor determinam-se reciprocamente em termos de uma relação dialética. Os dois primeiros devem ser pensados como polos antagônicos, como tese e antítese. O valor deve ser pensado como ato unitário e unificador das contradições em uma síntese dialética. O valor de troca é quantitativo e homogêneo, o valor de uso é qualitativo e heterogêneo. O valor, a síntese, é imaterial e relacional; representa o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção da mercadoria. Tal mercadoria interessa ao comprador pelo valor de uso e pelo seu valor de troca. Há, assim, uma dicotomia no valor entre uso e troca: usa-se ou troca-se a mercadoria, não se pode usufruir os dois tipos de valores ao mesmo tempo. Mas a mercadoria é uma unidade, tem os dois aspectos. Há, portanto, um aspecto dual no conceito unitário de mercadoria, que permite ao analista introduzir um terceiro conceito que é o valor (tempo de trabalho socialmente necessário). O valor de uso serve de suporte ao valor (pois para ter valor a mercadoria deve ser útil). Quem origina quem? Os valores de troca o valor, ou o contrário? São os valores de troca que originam os valores de uso, ou o inverso? São relações dialéticas. Não podemos falar de valor de troca sem valor de uso. Nem de valor sem falar em valor de uso. Não podemos falar de nenhum desses conceitos sem falar dos outros. São relações de uma totalidade, a santa trindade da economia.

1. *Por que Marx diz que, para a revolução, o que importa é o desenvolvimento das forças produtivas?*

Marx trabalha com a relação dialética entre os conceitos de forças produtivas e relações de produção (entendida fundamentalmente como relações de propriedade). O primeiro conceito refere-se às condições de produção econômica, o segundo reporta-se à forma jurídica (com expressões e contrapartidas nas crenças políticas, religiosas, artísticas e filosóficas, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência da realidade social e do conflito que viceja nela). Haveria, na ótica de Marx, certas contrariedades da vida material que condicionam a própria tomada de consciência do homem de si mesmo. O desenvolvimento da história é visto na perspectiva do devir. Tal devir histórico é identificado e impulsionado pela alegada contradição entre forças produtivas (capacidade social de produzir, capacidade técnica e científica, organização etc.) e relações de produção (relações de propriedade, divisão da renda nacional etc.). O movimento histórico teria, portanto, uma lógica intrínseca e, como tal, não dependeria de qualquer acidente político, expressando fundamentalmente uma necessidade histórica. Assim as revoluções desempenham uma função necessária, dadas as condições históricas. O problema resume-se a saber quando se darão as condições históricas, quando se dará a passagem do capitalismo para o comunismo. Em todo caso, é pré-requisito para a revolução que as relações de produção socialistas amadurecem mesmo com a sociedade ainda capitalista. O desenvolvimento das forças produtivas é o que importa para a revolução, pois as condições para essa revolução estarão dadas sempre que os meios de produção (forças produtivas) se desenvolvam mais que as relações de produção.

1. *Comente a seguinte passagem da mesma obra: “Assim como as nações do mundo antigo vivenciaram a sua própria pré-história na imaginação, na mitologia, nós, alemães, vivenciamos a nossa pós-histórica no pensamento, na filosofia. Somos contemporâneos filosóficos do presente, sem sermos seus contemporâneos históricos”.*

Marx avalia que a realidade alemã de sua época esteja defasada em relação à realidade moderna (tal como se nota em países mais avançados como França e Inglaterra). O fato histórico mais importante que marca a passagem para a modernidade foi a Revolução Gloriosa, na Inglaterra, e a Revolução Francesa. Mas nenhum movimento desse tipo ocorrera na Alemanha. Por isso que a Alemanha não é contemporânea histórica dos demais, não vive sua pós-histórica na vida concreta. Mas a vive apenas no pensamento. Pois, a filosofia alemã pensou a Revolução Francesa, a modernidade e o que vem depois (e ainda não se realizou). Assim sendo, a Alemanha é contemporânea de seu tempo só pela filosofia. A filosofia de Hegel, para Marx, pensou a realidade alemã e a realidade universal, e está acima do que se realiza lá fora.

1. *Por que, em Marx e em Hegel, não há uma rigorosa oposição entre “o que é” e “o que deve ser”?*

A descrição e a crítica da realidade são dois momentos distintos, mas profundamente inter-relacionados, para Marx. Critica-se teoricamente a realidade (consciência teórica) e a ideia que os homens fazem dela (consciência espontânea). “O que é” diz respeito à realidade tal como se apresenta no estágio atual do devir histórico. Tal realidade apresenta-se de modo falso e invertido. Assim sendo, a consciência espontânea só pode ser igualmente falsa e invertida. Marx procura então o caminho para a verdadeira consciência, a teórica. A teoria busca a razão e o que corresponde à razão está presente na realidade. Não a realidade falsa do regime histórico, mas a real realidade racional do pensamento filosófico. A razão está sempre ativa no decorrer da história, mas ela não se apresenta à consciência espontânea, porque se vive uma realidade invertida. A filosofia procura assim favorecer a realização do racional, fazer a razão realizar-se por inteiro e tomar consciência de si. Nesse sentido, em Marx e também em Hegel, não haveria a oposição entre “o que é” e o “o que deve ser”, entre o positivo e o normativo. Pela filosofia se pode, da análise da realidade, extrair o que é, a análise positiva, e, ao mesmo tempo, a razão de ser, o objetivo do que é, a análise normativa. Assim sendo, o que deve ser também está implicado na razão que a crítica descobre na realidade.

1. *Qual o grande equívoco da filosofia especulativa na crítica de Marx em A Sagrada Família?*

Comecemos pelo famoso exemplo das frutas. A relação normal é que pensemos as frutas específicas (pera, maçã, amêndoa...) como realidades concretas. O predicado (atributo) seria então o conceito de fruta. Todas são frutas, um coletivo. Assim o correto é que se pense o concreto como concreto e conceito abstrato como atributo do sujeito. Mas não seria essa a orientação da filosofia de Hegel, pois nela fruta é conceito que se manifesta ora sob a forma de pera, ora sob a forma de maçã e ora sob a forma de amêndoa. O conceito, que é atributo das frutas reais, vira, portanto, o sujeito fruta que se manifesta sob forma de pera etc. As realidades concretas se tornam assim o predicado do conceito de fruta (essência profunda das coisas). Há, portanto, uma inversão das relações de sujeito e objeto. Para Marx, realidades concretas são particulares, pertencem a conceitos que são gerais e cujos termos ordenam a realidade concreta. A filosofia especulativa, por outro lado, toma o conceito como sendo “a alma viva das realidades particulares”; apresenta o devir das realidades particulares como aparições sucessivas do conceito dado como essência da realidade. Sendo assim, ela não faz mais do que objetivar as qualidades que não são mais do que predicados.

1. *Qual o critério de realidade do jovem Marx?*

A verdade do homem é a verdade da sociedade, e o critério de realidade ou de verdade é de caráter antropológico: o homem definido ao mesmo tempo como um ser trabalhador e um ser social. Mas tal verdade do homem e da sociedade, para Marx, é definida a cada época histórica. Cada regime realiza a verdade do homem e da sociedade. Na sociedade burguesa, a realidade autêntica, a realidade verdadeira, é a sociedade civil, o sistema econômico, o sistema de necessidades, o homem no trabalho. Além disso, há a participação do indivíduo na coletividade. E isso se dá pelo trabalho. Invertendo as relações hegelianas entre sujeito e predicado, para Marx, a realidade é o homem concreto, o sujeito real que se descobre na sociedade civil, nas relações econômicas.